

# Imagem técnica e o sujeito científico: modernidade em decadência através do discurso tecnocrático

Rízia Eduarda Andrade\*

## Resumo

A popularização do uso das imagens técnicas no cotidiano trouxe várias formas de manifestação de discursos e do exercício de poder. Este trabalho tem um caráter ensaístico e busca compreender como as formas tecnocientíficas atuais já demonstram um processo de substituição dos elementos humanos em favor de um maior investimento na multiplicação da linguagem técnica. Usa-se como metodologia principal o viés filosófico-compreensivo, primeiro é utilizada a epistemologia de Descartes para compreender a base fundacional do conceito de sujeito da ciência moderna e depois são utilizados autores contemporâneos como Heidegger, Flusser, Freud e Lacan para evidenciar os elementos importantes, da ciência e da técnica, presentes na noção de sujeito do conhecimento. Os objetivos da análise são basicamente três: (a) elaborar um diálogo a partir de autores das Ciências Humanas (Filosofia, Psicologia, Epistemologia); (b) pensar nos aspectos ligados à função pensante; (c) procurar destacar como ocorre a elaboração de uma imagem única de mundo, que visa sobretudo o controle por meio dos números e dados computadorizados. Ao final, nota-se o perigo de um pensamento sem sujeito, marcado por máquinas comunicativas que operam como uma imagem que simula o intelecto agente.

Palavras-chave: Imagem; técnica; ciência; epistemologia; filosofia.

---

\* Universidade Federal de Sergipe, Mestre em Ciência da Religião, Bacharel em Psicologia, atuação profissional no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4961-9408>.

# Technical Image and the Scientific Subject: Modernity in Decay Through the Technocratic Speech

## Abstract

The popularization of the use of technical images in everyday life brought various forms of manifestation of speeches and the exercise of power. This work has an essayistic character and seeks to understand how the current technoscientific forms already demonstrate a process of replacement of human elements in favor of a greater investment in the multiplication of technical language. The philosophical-comprehensive bias is used as the main methodology, first the epistemology of Descartes is used to understand the foundational basis of the concept of subject of modern science and then contemporary authors such as Heidegger, Flusser, Freud and Lacan are used to highlight the important elements, science and technique, present in the notion of subject of knowledge. The objectives of the analysis are basically three: (a) to elaborate a dialogue based on authors from the Human Sciences (Philosophy, Psychology, Epistemology); (b) think about the aspects related to the thinking function; (c) seek to highlight how the elaboration of a single image of the world occurs, which mainly aims at control through numbers and computerized data. In the end, the danger of a thought without a subject is noticed, marked by communicative machines that operate as an image that simulates the agent intellect.

Keywords: Image; Technique; Science; Epistemology; Philosophy.

## Introdução

Sujeito é um conceito epistemológico básico na constituição do conhecimento científico, qualquer ciência só é possível por meio de dois pressupostos: o de sujeito e o de objeto do conhecimento – o primeiro é aquele considerado capaz de articular o discurso cognoscitivo e o segundo é composto pelas coisas ou fenômenos sobre os quais o sujeito procurará elaborar seus conhecimentos. O sujeito da linguagem científica é uma construção simbólica da modernidade e, como tal, só se tornou real a partir das condições sociais modernas. Para os fins deste ensaio, será necessário destacar três conceitos básicos: o primeiro é o conceito de sujeito do conhecimento (este é a base científica da modernidade<sup>1</sup>, notadamente nas ciências matematizadas); o segundo conceito importante é o de discurso (considerado aqui como o conjunto semiótico que regula a conduta daquele sujeito frente à realização do seu conhecimento), e o terceiro é o de linguagem (como significantes representativos dos valores sociais).

A sociedade tecnocientífica está projetada através de imagens e instituições, organização social se evidencia como uma grande engrenagem formada pela conjugação dos sistemas de transportes, sistema financeiro e sistemas de telecomunicações. Tal conjunção compõe a frágil base existencial do atual sistema capitalista; para salvaguardar a manutenção deste modelo societário, as elites já demonstram convergir na ideia de um metaprograma (chamado popularmente de Inteligência Artificial). Mas a ideia de uma inteligência não orgânica ou artificial precisa ser devidamente analisada. Ao questionar o lugar semântico da palavra inteligência, que a ideia de uma inteligência artificial é insustentável do ponto de vista prático, sobretudo porque o que caracteriza o intelecto é a capacidade intencional de se dirigir a objetos inteligíveis, tal intencionalidade não pode ser replicada de forma mecânica nem pode ser atribuída a um ser sem autonomia.

Este artigo propõe uma compreensão não exaustiva acerca dos fundamentos epistemológicos que culminaram na forma de sociedade científico-tecnológica que estamos vivenciando, e isso se verifica por meio dos seguintes aspectos principais: aspecto cultural, aspecto da

1 Modernidade é um conceito que remete a categoria de temporalidade, é a forma típica de funcionamento cultural da sociedade após o período denominado de medieval pelos historiadores, para maiores esclarecimento sobre o tema modernidade ver: GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

imaginação/subjetivação e aspecto econômico. Acerca desses aspectos, é proposta a seguinte hipótese: as condições históricas da ciência moderna se generalizaram pelo mundo, o que contribuiu para a criação de um ambiente universalizante e dominado pela técnica científica; sobre o aspecto da subjetividade, observa-se que o imaginário atual ainda é tributário da mentalidade moderna cujos valores estão centralizados nas trocas econômicas; diante de tudo isso, ocorre que estamos vivendo sob condições propícias para uma maior objetividade do ser pensante por meio dos mecanismos de informática.

Portanto, para os fins deste trabalho, pode-se caracterizar a modernidade como um conceito de tempo histórico que começou a partir da expansão econômica da Europa ocidental do século XV, o que levou ao crescimento no fluxo das trocas econômicas. Ainda no contexto da modernidade, a posterior Revolução Industrial e a fundamentação técnico-científica tornaram a ciência racional uma estrutura simbólica garantidora da supremacia do sujeito da epistemologia cartesiana.

As línguas, enquanto formas intersubjetivas de expressão, têm sido subjugadas por um conglomerado de informes cujos conteúdos simbólicos e volume crescente não encontram eco nas capacidades individuais de assimilação cultural. O sujeito discursivo<sup>22</sup> já vem demonstrando sinais de “desmoronamento”, e isso tanto no sentido epistêmico quanto ontológico. O desmoronamento aparece na ideia de progresso tecnológico como uma justificativa para o investimento massivo em robotização e trans-humanização; a partir disso, observa-se que a subserviência da vida frente ao mecânico chegou ao seu ponto máximo. Por tudo isso, um senso crítico fundamental deve nos levar de volta às discussões metafísicas cartesianas: percebe-se que seus achados epistêmicos e existenciais são mais atuais que nunca.

## 1 O lugar do discurso na modernidade: a substância pensante na técnica científica

2 Sujeito discursivo é utilizado como conceito complementar ao de sujeito cartesiano, tal linha de pensamento é utilizada tendo em mente a correlação que ocorreu no discurso científico moderno e a racionalidade tal como desenvolvida na epistemologia de René Descartes.

Lugar é uma categoria de pensamento que remete à localização. Na percepção humana, o lugar é um certo espaço onde se depositam coisas e onde situações ocorrem. No entanto, pode-se entender lugar (*locus*) enquanto uma categoria fenomênica<sup>3</sup>, conforme foi desenvolvida na filosofia de Heidegger (1986; 2005). O mundo marcado pelos códigos digitais revela a categoria da espacialidade como dotada de um sentido ontológico-existencial; quanto mais nossos domínios espaciais se alargam, menor o lugar que ocupamos – chegamos a ocupar espaços virtuais, cuja dimensão de realidade última reside na eletricidade (uma subpartícula). O sentido da nossa espacialidade é reflexo da condição peculiar do ser humano que, ao contrário de outros entes, não existe dentro do mundo como algo simplesmente dado: somos um ser que realiza em si o mundo (ser-aí | *Dasein*<sup>4</sup>) e nós, seres humanos, estabelecemos uma familiaridade com as coisas ao redor de acordo com a ocupação da nossa presença:

Ser simplesmente dado “dentro” de um dado, o ser simplesmente dado junto com algo dotado do mesmo modo de ser, no sentido de uma determinada relação de lugar, são caracteres ontológicos que chamamos categorias. Tais caracteres pertencem ao ente não dotado do modo de ser da presença.

O ser-em, ao contrário, significa uma constituição ontológica da presença e é um *existencial*. Com ele, portanto, não se pode pensar em algo simplesmente dado de uma coisa corporal (o corpo humano) “dentro” de um ente simplesmente dado. (HEIDEGGER, 2005, p. 92).

O modo de espacialidade experimentada pela intersubjetividade digitalizada é composto por um distanciamento que direciona o sujeito<sup>5</sup> para um espaço de abertura, cuja forma de diálogo atinge um grau de abstração nunca antes vivenciado na história da humanidade. O advento da internet coloca em evidência um problema que foi antevisto pela filosofia cartesiana: trata-se do fundamento existencial do pensamento verdadeiro *versus* as falsificações suscitadas através da ilusão da matéria e dos sentidos.

<sup>3</sup> Fenomênico é palavra derivada de fenômeno que é um conceito filosófico muito utilizado por autores da fenomenologia que indica os elementos ou essências do conhecimento tal como aparecem para a consciência do sujeito pensante.

<sup>4</sup> Um conceito muito utilizado na filosofia de Heidegger é o “Dasein”, que costuma ser traduzido por “ser-aí”; corresponde ao ser existente, que está aí concretamente no mundo e nas situações humanas, que se envolve na vida cotidiana e prática, ao contrário da concepção de um ser meramente abstrato ou teórico. Fonte: <https://www.ex-isto.com/2018/06/dasein-ser-ai.html> acessado dia 05/11/2022.

<sup>5</sup> Sujeito aqui é dito no sentido epistêmico tal como descrito na Introdução. Ao citar Heidegger, procurou-se demonstrar que a argumentação filosófica continua a fazer o conhecimento confluir na centralidade do sujeito; na argumentação heideggeriana o sujeito epistêmico é localizado como interligado ao mundo (de onde retira os objetos de seu conhecimento).

As meditações filosóficas de Descartes foram elaboradas tendo em vista o problema encontrado entre as formas (perfeitas) e a matéria – o sensível que é diluído e pode ser (des)-configurado na corruptibilidade. O intento cartesiano não era pequeno: queria encontrar um conhecimento que levasse ao verdadeiro em si, àquilo que seria indubitável. Descartes queria algo que, do ponto de vista racional, estivesse acima do idealismo das formas (típico da filosofia medieval da escolástica) e que, além disso, pudesse livra-nos do “inferno” das ilusões da matéria que pode adquirir vários aspectos (DESCARTES, 2004, p. 41). Para compreender melhor o que fora dito, pode-se recorrer ao exemplo de uma vela; pode-se perguntar o que é uma vela, mas como chegar a um conhecimento perfeito acerca deste objeto da realidade? A vela é algo que ao cumprir sua finalidade formal (produzir luminosidade) torna-se diferente deste mesmo conceito universal formal que intuímos dela, pois a cera se dilui à medida em que a vela produz sua luminosidade, ou seja, os objetos são coisas que, quando tomadas em sentido conceitual puro, tornam-se inacessíveis à realidade sensível tal como a experimentamos.

O problema cartesiano foi levado ao extremo do realismo epistêmico, pois neste problema foi posto em dúvida a realidade ontológica dos conhecimentos imediatos do humano. A dúvida de Descartes o levou a transpor para o sujeito humano todos os fundamentos da realidade verdadeira e, ao colocar em suspensão as certezas imediatamente adquiridas pelos sentidos, o pensador não apenas procurou os fundamentos do conhecimento, mas colocou em evidência a fragilidade dos conhecimentos do homem (DESCARTES, 2004, p. 26). A pergunta cartesiana é a “ferida epistemológica” mais mortal do século moderno, por meio dela os critérios científicos têm sido refinados aos propósitos de uma racionalidade cujo fundamento encontra-se no próprio sujeito que pensa o próprio pensamento, e isto tem levado a uma espiral de ignorância racionalizável. Apesar do risco de obscurantismo absoluto, Descartes chegou a uma descoberta realmente revolucionária: ele chegou à certeza do eu, à subjetividade, à existencialidade pura que sustenta o pensar em si, mas também esta foi uma descoberta das mais perigosa.

A certeza da substância pensante só pode ocorrer depois que se passou pelos meandros da dúvida de toda realidade imediatamente acessível aos sentidos. Por isso, quando se trata de compreender o “ego (eu) cogito (penso) ergo sum (logo sou)” têm-se que entender que essa máxima cartesiana é o final apoteótico de uma empreitada astuciosa. Ao levar em consideração a compreensão do *cogito*, percebe-se que o sujeito é a certeza mais necessária, pois o ser pensante é uma estrutura ontológica superior ao mundo sensível; porém, este sujeito não é autoevidente fora da sua essência pensante: isto significa dizer que, apesar de ser uma certeza necessária, ela só pode se mostrar na contingência da existência individual, sendo intransferível de um eu para o outro.

A certeza cartesiana é demasiado subjetiva, então como foi possível que este postulado tenha se tornado tão valioso para a técnica científica moderna cujo zelo “objetivista” e pretensões universalistas parecem se afastar da descoberta cartesiana? Para compreender a ligação entre o sujeito cartesiano<sup>6</sup> e a técnica científica moderna, é necessário perceber o lugar do discurso na consolidação do modelo científico. O discurso, tal como analisado aqui, é a capacidade de produção de conhecimentos universalmente válidos a partir de proposições lógicas acessíveis pelo raciocínio abstrato. Flusser (2017) fala do discurso científico como aquele que está atrelado ao modo linear do pensamento, forjado inicialmente pela escrita alfanumérica. Isso significa dizer que o discurso científico é uma escrita lógica imputada de modo universal a todos os sujeitos que se apropriaram do modo científico racional.

Pode-se dizer que o empreendimento científico moderno é constituído a partir da tentativa de chegar à adequação de forma e matéria, de ideia e aplicação prática; mas todos os esforços nessa direção parecem esbarrar na grande estratificação da realidade social. O mundo moderno substituiu o mundo medieval, costurado por relações complementares, por um tipo de estruturação mais piramidal marcada pela concentração de conhecimentos, transformados em fonte de poder pela manipulação do discurso. Conforme Flusser (2017), o desenvolvimento da sociedade burguesa engendrou um tipo de elite sustentada na manipulação do aparato

<sup>6</sup> Conforme a citação e explicação do parágrafo anterior considera-se sujeito cartesiano a conclusão de *substância pensante* a qual o filósofo francês considerou como o conhecimento mais certo e indubitável ao qual a razão chega.

científico em função da produção de bens industriais técnicos. O crescimento do aparato científico contribuiu para o automatismo nos processos de criação de informações, e essas informações, à medida que se complexificaram, geraram uma dependência com relação ao não-humano. Portanto, observa-se que a automatização científica tem relação com o modelo de produção industrial que, por sua vez, se alargou no mundo, tornando a experiência do sujeito pensante mais que uma categoria hermenêutica/filosófica, pois esta passou a ser uma instância existencialmente necessária para a vida social.

## 2 A Estrutura social pós-industrial e o capitalismo sob a égide da imagem técnica

As imagens (técnicas) têm exercido um papel avassalador sobre o imaginário atual e isso se expressa de modo mais evidente no uso maciço das redes sociais da internet. A sociedade moderna se complexificou, tornou-se hegemônica e desdobrou-se em sociedade tecnocientífica, na qual as informações configuram-se como a grande síntese que unifica o sistema triádico composto por transportes, bancos/instituições financeiras e telecomunicações/mídias de massas. É preciso entender o funcionamento social que torna possível uma experiência subjetiva totalmente racionalizada e como as estruturas deste mundo tendem a convergir ao projeto de uma imagem cognitivamente universal dentro dos sistemas artificiais em uso.

De acordo com Costa e Araújo (2014), autores como Félix Guattari trabalhavam a ideia de intersubjetividade complexa que se expressa na forma caótica – a ideia de caosmose. A humanidade tem produzido uma existência coletiva por meio de máquinas que operam a própria subjetividade humana, oferecendo por meio de seus mecanismos automáticos papéis e condutas que condicionam os comportamentos; mas, apesar do condicionamento, não há um condicionador humano puro, ou seja, não há um agente por trás das máquinas de manipulação subjetiva, o que parece existir é uma infinidade de linguagens se cruzando e produzindo novas mediações entre os homens.



O aparato digital faz aparecer com mais evidência as sutilezas dos significantes da linguagem humana. Silva e Morujão (2021) observam como o fenômeno *online* cria uma expansão de palavras, imagens e sons que impregna a vida subjetiva da presença dos outros numa intersubjetividade descrita a partir de dentro (de si) para fora (no aparelho). Esses outros (da intersubjetividade conectada) são vivenciados na solidão do uso aparelhístico, passamos a vivenciar o mundo no isolamento absoluto por meio da mediação de objetos codificados, por programas de computadores. Com as novas formas de comunicação, há significativas alterações nas percepções de tempo, espaço e corpo, o que gera um potencial para crises psicopatológicas ainda não totalmente mapeadas. As imagens geradas nesse fluxo de interação humana servem como fontes de dados numéricos, cuja utilização mercantilista aumenta a percepção de objetificação da pessoa humana. A subjetividade *online* revela o imenso abismo existencial da condição humana atual, pois se por um lado se dominou a natureza até os limites do inteligível numérico, por outro lado permanecemos presos aos infortúnios de uma comunicação incompleta, pois fica cada vez mais difícil estabelecer e manter vínculos intersubjetivos sem as mediações mecânicas.

O capitalismo tornou-se como um “jogo de espelhos” e “espetáculo de imagens”. De acordo com Debord (1997), há na consolidação de uma “sociedade do espetáculo” um conjunto de imagens-objetos, o mundo é um receptáculo do irreal (do falso), a vida ficou invertida, passou a convergir na contemplação do falso automatizado na imagem. O espetacular inverte o real ao fazer do homem um mero consumidor de imagens automatizadas. Tal inversão só ocorre porque ainda existe uma ordem discursiva (impregnada em cada aspecto da sociedade técnica) que estabelece o espetáculo da imagem como o fim existencial último. Toda força de atração dessas imagens-objetos subsiste na capacidade imaginária humana que confere materialidade ao que está projetado. Desse modo, percebe-se no uso das imagens uma espécie de prisão narcísica através de uma alienação operada com racionalidade lógico/matemática nos aparelhos informacionais. Tal como no mito de Narciso, a humanidade se percebe mais na imagem do que no real e fica retida nesta imaginação até o ponto de não conseguir mais viver o real.

O que caracteriza o Ocidente é sua capacidade para a transcendência objetivante. Tal transcendência permite transformar todo fenômeno, inclusive o humano, em objeto de conhecimento e de manipulação. O espaço de tal transcendência se abriu graças ao judeu-cristianismo e resultou, no decorrer da nossa história, em ciência, em técnica e, ultimamente, em Auschwitz. A objetificação derradeira dos judeus em forma de cinzas é a derradeira vitória do espírito do Ocidente. É ela a *técnica social* levada ao extremo. Por certo: a transformação de homens em cinza é técnica social primitiva, incipiente e vai-se refinando. Será seguida de objetivações menos brutais, como o é a robotização da sociedade. (FLUSSER, 2011/a, p. 26).

A partir da argumentação de Flusser (2011/a), nota-se que a sociedade atual é o fruto amadurecido da sociedade industrial que se orientou no sentido de transformar toda a natureza segundo a imagem e semelhança de projetos da engenhosidade racional da ciência técnica. Segundo Flusser, quando a humanidade vivia sob a égide da agricultura esperava-se pacientemente os frutos que eram plantados e o tempo era vivenciado de um modo cíclico, já no período do desenvolvimento industrial, a natureza passou a ser tomada de modo mais violento e o tempo linear foi substituído por fluxos contínuos da natureza, de maneira tal que o homem já não precisava mais esperar pelos frutos, ele poderia (por meio da manipulação técnico-científica) obrigar a natureza a se adequar aos projetos industriais. O momento pós-industrial é este que culturalmente se chama pós-modernidade<sup>7</sup>: trata-se da transformação da vida social em funcionalidade, os operários passam para o setor de serviços, pois a automação industrial tornou a mão de obra humana desprezível e descartou empregos manuais, assim surge o mundo dos consumidores e produtores de serviços, tudo capitalizado pela informação. Neste mundo pós-industrial, o tempo não é mais vivenciado de forma cíclica nem linear, mas de forma a-dimensional, ou seja, o tempo está “diluído” na experiência da pós-modernidade, por isso se fala também de pós-história, porque já não há mais acontecimentos, tudo vira mera sucessão de cenas compartilháveis, caoticamente disponíveis para os usuários da grande *web* (rede).

O termo sociedade pós-industrial é um conceito de Flusser (2011/b, p. 64) que remete ao fato de o setor secundário da economia não

<sup>7</sup> Os termos pós-industrial e pós-modernidade são convergentes em seus aspectos de marcação temporal do mundo atual, porém, a partir da literatura flusseriana, percebe-se que são conceitos distintos, o primeiro é pensado em função do modelo de produção baseado no setor terciário (produção de serviços e informações), já o conceito de pós-modernidade é mais utilizado para se referir a conceitos da filosofia da história.

mais absorver em si as massas de trabalhadores; nos dias de hoje, fala-se mais em funcionário e boa parte da empregabilidade se dispersou no setor terciário composto por prestação de serviços. Com essas mudanças estruturais, o capitalismo está direcionado a uma produção de bens de consumo automatizados, em que os produtos são menos importantes em comparação às informações que se imprimem nos atos, nos gestos e nas imagens tecnicamente produzidas:

Isso parece indicar que a sociedade pós-industrial será burocrática, a sociedade na qual o funcionário domina. Mas tudo indica que isto é um erro. Pelo contrário: *onde há burocracia, a sociedade pós-industrial ainda não está bem programada*. Tudo indica que a sociedade pós-industrial será dominada pelos programas de funcionamento, nos quais os funcionários funcionarão como engrenagens cada vez mais invisíveis no interior das caixas pretas. Que será [a sociedade] *tecnocracia*. Os funcionários não são comparáveis aos camponeses e donos de fábricas das sociedades precedentes, mas aos servos e operários. A aparente classe dominante será a dos programadores, embora uma análise mais atenta revele que eles também não passam de funcionários especializados. A verdadeira classe dominante será a dos aparelhos. Será a sociedade desumana. (FLUSSER, 2011/a, p. 52).

A tecnocracia vive da produção e manipulação de conteúdos informacionais e é a massa de dados numéricos (acerca de vários aspectos da vida humana) que garante a supremacia do processo informacional. O movimento de gerar e guardar informações é algo muito antigo na humanidade, desde os tempos da invenção da escrita (na Mesopotâmia) o ato de gravar é tirar a natureza de seu estado bruto e dar-lhe movimento pelo agir humano. Da Antiguidade para cá, o informar foi-se tornando mais sofisticado, a ponto de os elementos imagéticos (típicos das sociedades mitológicas antigas) serem elaborados até chegar à forma linear e discursiva através do código alfanumérico (FLUSSER, 2010, p. 26). O discurso alfabético representou o primeiro grande salto simbólico da humanidade, mas foi por meio do uso racional dos números que o ser humano chegou a uma nova dimensão imagética: a imagem técnica e sua “magia” eletromagnética que atrai tudo para seu entorno é fruto do uso racional dos números (FLUSSER, 2010, p. 37-39).

Ainda de acordo com Flusser (2010), a forma de desenvolvimento da escrita teve seu ponto culminante na elaboração e aplicação do método científico, por meio do qual foi possível controlar a natureza de um modo nunca visto antes na história da humanidade. Com o aumento das teorias científicas, veio a possibilidade de um novo tipo de imagem, a qual Flusser (2011/b) chamou de imagem técnica (ou tecnoimagem); a saber, este é um tipo de superfície que traz consigo certos aspectos mitológicos, mas sendo de uma natureza diferente, pois depende do discurso linear<sup>8</sup> da ciência e não poder ser reduzido à magia antiga; pode-se considerá-la como uma forma de mitologia científica que remodela o real a partir da abstração tornada visível. Conforme as imagens tornam-se mais codificadas, tanto mais seu caráter mágico camufla as intenções de condicionamento humano embutido no “aparelho”. Desse modo, o aparelho começa a ganhar uma vida automática, gerando no entorno do humano um ambiente cultural caótico onde a objetificação da vida torna-se sufocante: “O progresso nos dilacera; nós resistimos, contudo, para não perdermos totalmente o contato com a realidade, para não nos tornarmos completamente avançados e alienados”. (FLUSSER, 2010, p. 35).

Nesse mundo tecnocrata, a essência pensante (sujeito cartesiano) da subjetividade humana está em franco processo de diluição. A racionalidade discursiva (linear) não pode mais compreender este mundo onde os programas tornam-se autônomos e condicionam relações humanas em todos os níveis (político, estético, religioso e filosófico). As redes sociais da *web* são ferramentas de absorção da cognição e afeições humanas que estão sendo postas a serviço do “niilismo”.

Como localizar a fonte de poder nesta sociedade do século XXI? A resposta não é simples, mas deve passar pelo reconhecimento de que a imaginação técnica e sua simbologia multimidiática são impenetráveis a uma consciência individual; precisamos pensar seriamente se seria realmente possível uma substância cognitiva sem o humano, pois parece ser esse o *locus* de poder a controlar o mundo tecnocrático.

---

<sup>8</sup> A partir da terminologia de Flusser a base do discurso linear está na escrita alfanumérica, que é a razão orientadora do método científico ocidental.

### 3 O agenciamento da imagem técnica no tecido social

A imagem técnica é dependente da estrutura cognitiva humana e para compreender como essa imagem está sendo utilizada em nível social é importante delinear o que a antropologia e a psicologia conseguiram elaborar acerca da condição interna do ser humano. Pode parecer contraditório tentar explicar a condição humana pela via da ciência quando é esta mesma via que está levando ao automatismo, porém a ciência em si não é automática, mas os processos industriais é que são. A ciência, no idos do século XVIII, por ocasião da primeira revolução, tornou-se escrava dos capitalistas, e com isso cresceu a alienação do ser humano. Nessa forma de vida alienada, o homem é, a cada nova revolução científica, conduzido a servir ao tempo das máquinas, por isso precisamos retomar a máxima cartesiana e evitar cair nas ilusões imagéticas condicionadoras do caos intersubjetivo operado pela linguagem sem sujeito: “Pensar? Encontrei, há o pensamento, e somente ele não pode ser separado de mim. [...] Sou, porém, uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente. Mas, qual coisa? Já disse: coisa pensante”. (DESCARTES, 2004, p. 27).

Precisaremos recorrer aos clássicos ocidentais que a princípio desenvolveram os temas relacionados à inteligência e à capacidade cognoscitiva da alma humana. Agostinho (2019), o santo erudito, ao tratar da essência da alma (a inteligência), deixou claro que esta se ancorava na dimensão profunda da sabedoria (discursiva) e nos números; mas as ideias inteligíveis (acessíveis apenas ao ser inteligente) não são facilmente representáveis pela linguagem, por isso Agostinho disse:

Com efeito, quando me concentro em mim mesmo e considero a imutável verdade dos números e, por assim dizer, o santuário, a morada ou a região sublime desta verdade – ou ainda outra forma que mais apropriadamente possa denominar-se aquele lugar –, então me sinto transportado para muito longe do mundo corpóreo. E quando vejo acaso algumas ideias e não encontro, porém, palavras para explicá-las com exatidão, retorno como que cansado a estas nossas esferas para poder falar, e falo, como costumamos fazer, das coisas que estão ao alcance dos sentidos. (AGOSTINHO, 2019, p. 92).

Nota-se em Agostinho, que o número e a sabedoria mais intelectual levam a alma humana para uma região (*locus*) fora do tempo e do espaço dos sentidos. A fala, mesmo a eloquente, seria uma forma fraca para expressar a dimensão propriamente pensante, e o corpo humano é demasiado fraco em comparação às potencialidades da alma: “Não a podemos imaginar, no sentido dimensional, tamanho, largura, vigor físico, porque tudo isso é corpóreo, e só poderíamos falar da alma nestes termos como um tipo de comparação, relativamente aos corpos”. (AGOSTINHO, 2013, p. 27).

A espetacular capacidade pensante da alma já não é um atributo apenas percebido nos seres com corpo humano. Temos as redes de informação de massa acumulando dados numéricos transcodificados em valores (monetários, políticos e até estéticos) que procuram simular o conceito de substância pensante inerente à alma humana. Para explicar essa simbiose (máquinas e humanos), não bastará recorrer às teorias sociológicas; será preciso entender a configuração psíquica humana e por que máquinas conseguem adquirir feições tão próximas do humano, não obstante serem inanimadas. Vamos dar um salto adiante na história da ciência psicológica e chegar à psicanálise (especialmente a lacaniana<sup>9</sup>) para observar como é possível acessar o imaterial da alma por meio da linguagem.

Gomes (2009) aponta a forma como a criança vem ao mundo humano: ela segue sempre marcada pelo Outro<sup>10</sup> (pais, sociedade, cultura), que já disponibiliza o mundo simbólico no qual o infante precisará se localizar. O eu subjetivo infantil, longe de ser uma coisa autônoma e livre, é antes um ente linguístico e por natureza está condicionado psiquicamente pela ordem da linguagem, daí procede a máxima lacaniana de que “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1988, p. 142); mas a linguagem do inconsciente – a grande descoberta de Freud –, apesar de ser eivada das sombras do desejo e dos devaneios, também foi passível de domesticação racional pela via da aplicação clínica psicanalítica.

A principal contribuição da psicanálise seria a compreensão dos mecanismos sutis presentes na cadeia significante que compõe a linguagem tanto subjetiva quanto intersubjetiva. No esquema lacaniano, o signo

<sup>9</sup> Na Psicologia clínica, existem diversas áreas e abordagens. Uma delas é a terapia lacaniana, baseada na linguagem e no tempo do inconsciente

<sup>10</sup> Outro é um conceito essencial da psicanálise de Lacan; pode ser entendido como a instância a partir da qual é operada a linguagem do inconsciente.

não é simplesmente a soma de significado e significante, como se fosse possível remeter a coisa real diretamente por meio da linguagem, mas a força significante é sempre maior que a definição do significado. O signo é composto pela permanente superabundância do significante sobre o significado, que tomado em seu sentido linguístico não é nada além da significação, ou seja, do conjunto ordenado de significantes – de nomes –, já a coisa em si (a realidade, o real dentro da terminologia lacaniana) está posta em outra dimensão (LACAN, 1998, p. 501). Assim, um sentido discursivo<sup>11</sup> completo e definitivo é uma impossibilidade da linguagem subjetiva à qual o ser pensante está condicionado, portanto o velho problema filosófico do conhecimento puro fica sempre por se concluir através do conjunto de significações que o humano pode produzir intersubjetivamente.

Para Lacan (1996), a grande descoberta freudiana foi a clara percepção da singularidade que aparece em cada pessoa e nos seus sintomas psíquicos. A singularidade subjetiva é reconhecível por meio da complexidade de configurações e reconfigurações linguísticas que o sujeito<sup>12</sup> consegue realizar, ou seja, apesar das determinações simbólicas e das limitações impostas pelo real (bio) físico, o ser humano sempre consegue romper a universalidade generalista para torna-se um ser singular. A ciência psicológica do século XX ajuda a compreender as razões psíquicas que levam os homens modernos a manter uma relação sempre mais próxima com as máquinas; o esforço por uma psicologia mais científica representou a busca por quantificar os elementos psicológicos, garantindo previsão e rigor matemático em todas as áreas do conhecimento. E, mesmo nos dias atuais, o uso conceitual do sujeito cartesiano continua a ressoar com sua máxima afirmação: “Não há dúvida, portanto, de que eu, eu sou, também, se me engana: que me engane o quanto possa, nunca poderá fazer, porém, que eu nada seja, enquanto eu pensar que sou algo”. (DESCARTES, 2004, p. 25).

11 Novamente é preciso esclarecer o uso do termo discurso: no contexto há intenção de demonstrar como o discurso, notadamente o científico, está condicionado aos meandros da cadeia do significante, e sendo este totalmente impulsionado pelos mecanismos psíquicos segue-se que o discurso, mesmo o mais lógico como o da ciência, ainda carrega em si a impossibilidade de ser completo em si mesmo.

12 Novamente é colocada a noção de sujeito, remetendo ao conceito epistemológico. O sujeito epistêmico aqui evocado foi elaborado nas discussões do método psicanalítico de Lacan; a psicologia científica é grande tributária do modelo cartesiano, porém, as pesquisas psicanalíticas ajudaram a mostrar as fragilidades deste modelo de sujeito pois evidenciaram que a racionalidade básica do ser humano não funciona separada do corpo que sente afetos e impulsos vindos de instâncias psíquicas orientados por aquilo que Freud chamou de inconsciente. Nesse sentido, Freud elaborou uma revolução epistemológica no sujeito cartesiano, mas ainda assim não deixou de lado a noção básica cartesiana que é a primazia dada à racionalidade científica como método para um conhecimento seguro da realidade.

A partir de tudo que foi discutido até agora, é possível fazer uma distinção entre a psicologia ocidental clássica (orientada sobretudo pelo platonismo agostiniano) e a psicologia científica moderna (pautada nas meditações cartesianas): no primeiro caso, temos uma alma que é ser pensante (um intelecto puro); no segundo caso, temos uma alma que é mente, ou seja, é uma substância pensante (um número, um singular puro), cuja estrutura é o pensar que segue a lógica da linguagem matemática pura. O ser, tal como entendido na filosofia antiga, era o senhor dos próprios meios de linguagem que dispunha; já o sujeito, cientificamente entendido, é apreensível como sendo uma estrutura ou uma rede de pensamentos e afetos.

O pensamento lacaniano caminhou na direção de aprofundar o conhecimento do sujeito cartesiano<sup>13</sup> a partir da teoria de Freud. Clavurier (2013) aponta que Lacan, ao aperfeiçoar a teoria, conferiu um caráter de maior cientificidade à psicanálise, tendo como ponto crucial o postulado das três instâncias (ou inscrições), a saber: Imaginário (o lugar de expressão da singularidade do inconsciente), Simbólico (o lugar das representações intersubjetivas) e Real (o âmbito do inalcançável pela linguagem, o lugar da coisa em si). Essas três instâncias têm uma articulação permanente através do nó borromeano<sup>14</sup> (metáfora tirada dos estudos matemáticos), por meio do qual ocorre a presença marcante do desejo que, tal qual um buraco negro, faz convergir em si os anseios do aparelho psíquico.

A sociedade pós-histórica prognosticada por Flusser (2011/b) já aparece com feições claramente apocalípticas, sob a forma de um mundo de intersubjetividades dependentes das conexões das máquinas. A consciência histórica (marcada pela escrita linear) está sendo absorvida pelo digital, cujos códigos estão se tornando cada vez mais complexos, à medida que cresce o número de usuários e aumentam as aplicações da internet. A natureza dos códigos binários dos computadores é diferente do código alfabético, enquanto o alfabeto fixa em um material certos sons que

<sup>13</sup> Lacan (em seu texto: "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano", na obra *Escritos*) elaborou a noção de sujeito como atrelado ao inconsciente psíquico, este inconsciente é o ser do desejo; tal ênfase faz o sujeito do conhecimento ser investigado nas profundezas a partir da lógica própria que orienta a linguagem do inconsciente.

<sup>14</sup> É chamado de nó borromeano uma constituição de três anéis entrelaçados; a norma diz que se algum deles se separa, os outros são soltos. O conceito vem do símbolo heráldico da família Borromeu. Lacan usou o nó borromeano para se referir a uma estrutura composta por três anéis, correspondendo ao elo dos três registros existentes em todos os sujeitos falantes, estes são o registro do real, o registro do imaginário e o registro do simbólico. O nó desses registros é essencial para que o sujeito tenha uma realidade consistente. Fonte: <https://maestrovirtuale.com/o-que-e-o-no-borromeo/> acessado dia 05/11/2022.



combinados formam linhas e estas procuram conduzir o pensamento de um modo ordenado, o código computacional está baseado na aplicação de fórmulas matemáticas (estruturas lógicas dos programas) sobre uma base material que é quase imaterial, pois trabalha com a eletricidade; mas os dois códigos (tanto o alfabético quanto o binário) se encontram simbioticamente associados por meio da operação das imagens ou ícones.

O que está por emergir deste mar de informações flutuantes que os homens criam digitalmente? Podemos destacar dois pontos importantes: o primeiro diz respeito ao aspecto da ignorância generalizada que a humanidade vive atualmente; o segundo ponto indica, que por trás do mundo de conteúdo multimidiático, há a ausência de um sujeito dono de si, isto é, o humano é dominado pelo pensamento e não mais domina o pensar. Com isso há uma inversão da máxima cartesiana; pois os homens digitais são mera imagem do seu pensamento e não conseguem chegar ao eu (ego) que conjuga e conduz os verbos. O verbo está solto por si só, como se a linguagem já não tivesse mais um agente humano, mas agenciamentos dos aparelhos cuja única finalidade é manter um funcionamento sem fundamento existencial.

#### 4 Difusão da informação numérica e a subjetividade intelectual

O atual funcionamento subjetivo e social depende das quantidades (números). O capitalismo cresceu e se tornou o principal modo de produção humana, quando conseguiu integrar em si o funcionamento de três grandes subsistemas: o de transportes, o financeiro e o de telecomunicações. Considerado deste ponto de vista, pode-se dizer que o capitalismo teve seus primeiros impulsos no processo de explorações ultramarinas realizadas com o protagonismo das nações ibero-europeias (Portugal e Espanha); naquele primeiro momento, os povos da terra começavam a ter uma maior integração por meio das mobilizações populacionais realizadas a partir dos séculos XV e XVI. Com o crescimento dos processos mecânicos e a aplicação científica na indústria, veio o período de incremento dos sistemas bancários com a participação ativa de países anglo-saxões e germânicos

(Inglaterra, EUA, Alemanha, Holanda); tal processo teve seu apogeu no século XIX, com a multiplicação do processo industrial por várias partes do mundo e com o crescimento exponencial das economias mais capitalizadas.

Por fim, temos o século XX, cuja principal marca foi a massificação dos sistemas de comunicação. O advento da imagem técnica - e seu uso em larga escala associado ao cinema e à televisão - criou as condições de integração de todo o sistema capitalista, essa integração ocorreu tanto por meio da imposição (em Estados ditatoriais como China) quanto por ocasião da “sedução” do consumo exagerado (em países democráticos como EUA); tal conjuntura fomentou uma imaginação socialmente unificada para todos os povos. O processo chamado de globalização, consolidado completamente no período<sup>15</sup>, trouxe à tona o poder estratégico do gerenciamento das informações, e é exatamente neste período supostamente pacífico de globalização que se observa com mais nitidez como as massas humanas continuam a ser conduzidas por jogos de poder baseados no “duelo” econômico e militar das chamadas grandes potências, cuja principal arma é manipular a opinião e o comportamento das pessoas de acordo com a maquinaria tecnocrática.

Os agentes do sistema tecnocrata do século XX foram muito eficazes no seu programa de manipulação<sup>16</sup> da massa, e quanto mais crescia o aparato técnico-científico, tanto mais as pessoas tornaram-se objetos quantificáveis, cujo valor é numérico e não essencial. Este quadro civilizacional culminou no uso em massa da informática para fins diversos (políticos, estéticos, científicos). Uma das grandes problemáticas colocados aos homens do século XXI se localiza na ordem do imaginário disseminado pelo crescimento do conhecimento, pois, agora, grande parte das pessoas têm consciência da falência moral dos governos, da estupidez colossal das guerras, das imensas disparidades sociais que geram abismos intransponíveis entre os povos e

---

<sup>15</sup>Segundo Biagi: “Com a queda do muro de Berlim em 1989 e a desestruturação do império soviético em 1991, desapareceu o “inimigo” que justificava a política de intervenção global dos Estados Unidos - o comunismo não precisava mais ser “contido” pelo simples fato de não existir mais, com algumas (e frágeis) exceções, como a isolada e subestimada Cuba (a China, apesar de ser uma ditadura, promoveu uma intensa e lucrativa abertura econômica com o ocidente). Assim, os Estados Unidos encontrariam uma nova desculpa econômica para manter sua hegemonia: a Globalização, que praticamente obriga todos os países do mundo a seguirem o modelo econômico dos Estados Unidos. Para Chomsky, a Globalização não passa da continuidade da Guerra Fria em outros termos: antes, os Estados Unidos utilizavam - se de intervenções e golpes para impor a sua hegemonia; na “Nova Ordem Mundial”, utilizam-se da lógica do mercado e das bolsas de valores. (BIAGI, 2001, p. 104)

<sup>16</sup>Segundo Pereira: “Dentre todos os meios de comunicação utilizados para exercer tal influência psicológica, o cinema foi bastante privilegiado. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), teve início, de forma generalizada, a sua utilização como arma de propaganda política, no entanto, ainda de forma modesta e ingênua. Os filmes de propaganda desse período não possuíam o aperfeiçoamento técnico, o fascínio e a eficácia que teriam os produzidos a partir da ascensão dos regimes fascistas e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)” (PEREIRA, 2003, p.103)

da insustentabilidade financeira e administrativa de um sistema capitalista baseado em cartéis e oligopólios; contudo, vive-se na total impotência porque o sujeito pensante foi dominado pelo poder impessoal do número. Então, para não cair no abismo existencial a humanidade precisará procurar a substância essencial da coisa pensante que somos.

Por que a humanidade pode cair no abismo existencial? Porque a visão que a atual ciência moderna nos oferece acerca do que seja matéria e forma é algo fantasioso ao extremo. Diz-se que o material depende de uma forma cuja necessidade lógica não mais é encontrável, pois tudo parece estar ao sabor do acaso e das probabilidades estatísticas.

Na ciência moderna, a ideia da mudança de estados da matéria (do sólido ao líquido, do líquido ao gasoso – e vice-versa) deu origem a uma nova imagem do mundo. Em um deles (do zero absoluto), tudo o que se mostra é sólido (material); já no outro horizonte (na velocidade da luz), tudo se apresenta num estado mais do que gasoso (energético). [...] A matéria, nesta visão de mundo, equipara-se a ilhas temporárias de aglomerações (curvaturas) em campos energéticos de possibilidades, que se entrecruzam. (FLUSSER, 2017, p. 23).

A expansão das explicações acerca da constituição do universo físico e da matéria tem invadido a esfera que sempre fora própria da metafísica. Por isso, é necessário observar a diferença existente entre matéria e forma. Para entender esta questão, é fundamental perceber a distinção do ser enquanto intelecto para o ser enquanto sujeito, tal como fora esboçado do tópico anterior. O ser intelectual é aquela ideia (da filosofia clássica) que está amparada na premissa de que o conhecimento é próprio apenas da esfera além-física ou metafísica e que o intelecto é uma faculdade vital, ou seja, só pode existir no ser vivo, em especial no ser humano, pois este é o único animal a dispor da linguagem (a ferramenta principal do intelecto). Já a ideia de ser enquanto sujeito<sup>17</sup> nasceu da experiência metafísica cartesiana orientada pela ciência matematizável da filosofia moderna; nesse caso, temos um ego (unidade psíquica) que participa de um mundo que é separado de si, mas conectado novamente pela via da linguagem formal (matemática). Entre o ser intelectual e o ser subjetivo (sujeito cartesiano),

<sup>17</sup> A ideia aqui é de sujeito epistêmico, da metafísica moderna.

existe uma diferença ontológica: enquanto o intelecto é a essência humana em si, o ego é uma representação, é uma substância epistemológica que dá consistência às descobertas e aplicações científicas. Há aí uma tensão que aparece na diferença entre o número e a ideia (coisa em si).

O número é uma forma pura, a coisa em si é aquilo que preenche o vazio ontológico do número. O número pode adquirir várias feições e tipos de conteúdo – por exemplo, podemos contar 10 (dez) homens e 10 (dez) casas com o mesmo número, mas não podemos perceber a diferença (ontológica) da coisa homem para a coisa casa pelo número, pois esta (diferença) só se percebe pelo olhar do intelecto. Logo, no contexto apresentado, isso significa dizer que no uso exclusivo do número há uma incapacidade para o realismo, já a coisa em si, quando considerada sem propriedade numérica (profundidade, altura, largura, peso), torna-se um fantasma semântico cuja efemeridade linguística faz com que vivamos a depender da fraca memória que os sentidos deixam na mente.

A sabedoria antiga – por exemplo, a filosofia de Plotino (2010) – trabalhou com o número enquanto “axiomas perfeitos” (verdades que não precisam ser provadas), já a coisa em si seria o *eidōs* ou ideia cuja existência real se percebe apenas no Intelecto puro. A dimensão do número está presente na matéria, pois ele (o número) é a forma que (in)forma a matéria, e a ideia é a presença da coisa em si na realidade, por isso pensar e ser são convergentes:

“[...] a Inteligência que pensa e a Inteligência que pensa que pensa são uma só; se não fosse assim haveria dois princípios, um dos quais teria o pensamento e o outro teria a consciência do pensamento; o segundo certamente seria diferente do primeiro, mas não seria o princípio pensante”. (PLOTINO, 2010, p. 76).

## Considerações finais

A partir de toda a discussão, pode-se considerar que a vida do sujeito pensante foi capitalizada, transformada em coisas numéricas

suscetível a mercantilização. Tal situação só é possível porque o sistema capitalista, para conseguir manter o fluxo de trocas (transportes, finanças e informações), precisou absorver em forma de dados informacionais os movimentos subjetivos. Os informes publicitários, a ordem política decadente e a manipulação tecnológica para fins de destruição do humano são manifestações do movimento iniciado pela chamada acumulação primitiva do capital (ocorrida graças às grandes navegações); mas em tudo isso é o lugar (*locus*) privilegiado do sujeito cartesiano e seu desdobramento no sujeito científico que têm dado sustentação existencial ao modelo de sociedade informacional atualmente adotado.

A espacialidade virtual é uma projeção tecnológica do ser pensante, conforme elaborado na filosofia moderna, mas o lugar humano, enquanto ocupação existencial do eu (substância cognitiva), está agora diante de um dilema que consiste em ser histórico ou pós-história, entre o mundo dos fatos reais ou o mundo das aplicações virtuais através de uma suposta inteligência artificial.

A existência psíquica humana encontra-se atualmente em um lugar de projeção infinita através da multiplicação dos conhecimentos e linguagens e este *locus* não pode ser dominado por nenhum grupo ou elite, pois é a dimensão do inteligível puro em conexão com a massa de conhecimento que o sujeito pensante (da ciência moderna) produziu. Pensar já não é um feito apenas acadêmico, é a própria essência da vida em sociedade e isso acarretará uma maior necessidade de aprofundamento acerca do ser intelectual que somos nós.

## Referências

AGOSTINHO, Santo (Aurélio Agostinho de Hipona). **Sobre a potencialidade da alma**. Tradução de Aloysio Jansen de Faria. Petrópolis: Vozes, 2013.

AGOSTINHO, Santo. **Sobre o livre-arbítrio**. Tradução de Everton Toresim. Campinas: Ecclesiae, 2019.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. **Revista de História Regional**, 6(1), p. 104, 2001. Acesso em: 05 nov. 2022. Disponível em: [https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/revista\\_historia\\_regional47.pdf](https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional47.pdf).

COSTA, Sayonara M.; ARAÚJO, Júlio. (Inter)subjetividades nos estudos de redes sociais: dissolvendo fronteiras. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 30-50, 2014.

CLAVURIER, Vincent. Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 39, p. 125-136, jul. 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESCARTES, René. **Meditações sobre Filosofia Primeira**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FLUSSER, Vilém. **Pós-história**: vinte instantâneos e um modo de usar. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011/a.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: por uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011/b.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**. Há futuro para a escrita? Tradução de Murilo Jardelino da Costa. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

GOMES, Adriana de Albuquerque. Linguagem e discurso na Psicanálise de Jacques Lacan. **Revista Iluminart do IFSP**, v. 1, n. 2, p. 01 - 09 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PEREIRA, W. P. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões e Debates**, n. 38, p. 103, 2003.

PLOTINO. **Enéada II**: a organização do cosmo. Tradução de João Lupi. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Nara Helena Lopes Pereira; MORUJÃO, Carlos Aurélio Ventura. Uma leitura fenomenológica sobre a intersubjetividade no digital/*online*. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 24, n. 4, p. 614-637, dez. 2021.